REVISTA
REDAÇÃO
13/07/2014 - Ed. 28

Acredite no Brasil

A derrota para a Alemanha não pode apagar o brilho da organização impecável de uma das maiores Copas do Mundo da história. O País deve se orgulhar de sua capacidade de realizar grandes feitos e da competência e da qualidade de seu povo

ANA CAROLINA NUNES, PAULA ROCHA e YAN BOECHAT

Acredite no Brasil (ANA CAROLINA NUNES, PAULA ROCHA e YAN BOECHAT)

A derrota para a Alemanha não pode apagar o brilho da organização impecável de uma das maiores Copas do Mundo da história. O País deve se orgulhar de sua capacidade de realizar grandes feitos e da competência e da qualidade de seu povo

FINALMENTE chegou ao fim na terça-feira 8, em Belo Horizonte, o trauma que marcou o Brasil pelos últimos 64 anos e ajudou a moldar a visão que os brasileiros têm de si. Quis o destino que o fantasma do Maracanazo, drama que perseguiu e maltratou a autoestima nacional por mais de seis décadas, tenha sido enterrado com uma derrota vergonhosa e acachapante para a Alemanha, no Mineirão.

Os sete gols marcados pelo time Müller, Klose, Khedira & cia tornaram aquele chute meio mascado de Ghiggia em 1950 um mero soluço na vitoriosa história do futebol brasileiro. Ainda é cedo para entender a real dimensão de uma derrota tão impactante numa semifinal de Copa do Mundo disputada em casa. Mas nunca é tarde para o País analisar o passado e não incorrer no profundo erro que cometeu em 1950 após perder o Mundial em pleno Maracanã: a crença de que a culpa para o fracasso em uma partida de futebol se deve a uma fragilidade, a uma inferioridade, a um pecado original intrínseco à identidade brasileira. O que ocorreu nestes 64 anos que separam as duas hecatombes prova, com demonstrações indiscutíveis, que o Brasil e os brasileiros precisam livrar-se de uma vez por todas do que o gênio Nelson Rodrigues classificou como complexo de vira-latas.

UNIÃO - Brasileiros de todas as cores, credos e classes uniram-se para fazer desta uma das maiores Copas de todos os tempos

OS PROFUNDOS avanços econômicos, sociais, tecnológicos e culturais brasileiros nas últimas seis décadas são suficientes para aniquilar na raiz qualquer ilação sobre uma pretensa precariedade da alma nacional. De nação puramente agrária, em um lento processo de industrialização e absolutamente desigual, o Brasil transformou-se em uma das maiores economias do mundo, numa das mais avançadas democracias do planeta, dono de um parque tecnológico pujante e ator importante no cenário geopolítico regional e global.

Trata-se ainda, é verdade, de um país em construção, com uma série de duros e complexos desafios a enfrentar. Mas é inegável que o Brasil de 2014 não parece nem sombra daquele de seis décadas atrás – e isso não é obra de vira-latas preguiçosos e desleixados. Creditar a derrota de terça-feira a uma suposta supremacia moral alemã, ou a vícios de um povo indolente, é jogar fora mais de 50 anos de trabalho suado, de história vitoriosa confirmada por uma infinidade de estatísticas. Até mesmo no campo – hoje de gosto amargo – do futebol. Desde 1963, as duas seleções se enfrentaram 22 vezes. O Brasil venceu 12 confrontos e empatou cinco. Já os alemães venceram apenas cinco jogos, incluindo a goleada do Mineirão.

O vira-latismo, apesar de antigo, é persistente. Volta e meia uma espécie de surto toma conta do País e, olhando-se de longe, tem-se a impressão de que o Brasil está sempre prestes a sucumbir a uma inerente incapacidade. Foi assim nos meses que antecederam a Copa do Mundo. Até o início da competição, uma vaga de pessimismo espalhou-se por todos os cantos. Os estádios não ficariam prontos, os aeroportos iriam colapsar, a violência tornaria a vida dos estrangeiros um inferno, os protestos e greves paralisariam a economia. O clima era tão ruim que até mesmo o Comitê Olímpico Internacional se dizia preocupado com a capacidade de o País organizar um evento da magnitude da Olimpíada.

DEU CERTO - O risco de um apagão no sistema de transportes se mostrou infundado e milhares de estrangeiros cruzaram o país sem problemas

Não foi preciso muito tempo para a realidade se impor. Em menos de uma semana de Mundial, brasileiros, turistas, jornalistas e mesmo quem estava do outro lado do mundo já começavam a considerar esta como a melhor Copa de todos os tempos. Goleadas históricas, jogos notáveis, viradas emocionantes, disputas improváveis de pênaltis fizeram dentro do campo este Mundial para lá de especial. Fora dele, centenas de milhares de turistas ficaram absolutamente encantados com a maneira de ser do brasileiro.

O acolhimento, a generosidade, a capacidade ímpar no mundo de viver com as diferenças e se adaptar a elas conquistaram aqueles que vieram ao Brasil temendo encontrar o caos em seu sentido mais amplo.

Mesmo na infraestrutura, uma área em que o Brasil de fato precisa avançar muito, tudo deu certo. O transporte público nas grandes cidades, como em São Paulo, Rio ou Belo Horizonte, funcionou sem problemas. Os aeroportos, o grande calcanhar de aquiles deste Mundial, suportaram o fluxo concentrado de passageiros de forma exemplar. O percentual de voos atrasados durante a Copa foi inferior à média europeia, por exemplo. E os estádios, tão criticados, cumpriram seu papel com elegância. É verdade que alguns deles, como a Arena Corinthians, iniciaram o torneio ainda necessitando de ajustes, mas que foram resolvidos rapidamente.

Apesar do naufrágio do time brasileiro, é impossível não concordar que, se essa não foi a "Copa das Copas", chegou muito perto de ser. Até um esquema milionário de venda de ingressos por tubarões ligados à Fifa – impunes em várias paragens – acabou desbaratado pela sempre tão criticada polícia brasileira. "Tudo funcionou bem, tudo foi ótimo. Menos a nossa seleção, essa é que não ficou pronta para o Mundial", brinca o humorista Hélio de La Peña. Outro que ficou impressionado com o que viu foi Mauricio de Sousa, o criador da turma da Mônica. "Foi um sucesso. A profecia da catástrofe não se concretizou."

Sucesso dentro de campo

O Mundial do Brasil foi um dos recordistas de gols da história e só não teve os estádios mais cheios que nos Estados Unidos

GOLS

Brasil (2014)	167*
França (1998)	171
Uruguai (1930)	70**

Fonte: Fifa

MÉDIA DE GOLS POR PARTIDA

Brasil (2014)	2,69*
Suíça (1954)	5,38
Itália (1990)	2,21

*Não estão contabilizadas as duas últimas partidas do mundial. **O número de seleções participantes era de apenas 13 e ocorreram 18 partidas. A partir da Copa da França, em 1998, esse número subiu para 32 e o número de partidas, para 64
***São contabilizados apenas os torcedores que foram de fato ao estádio e não o número de ingressos vendidos

FOTOS: MARIO TAMA/GETTY IMAGES; ANDRÉ LUCAS ALMEIDA/FUTURA PRESS; MARCIO FERNANDES/AE; FERNANDO NUNES/FUTURA PRESS; BRUNO SANTOS/TERRA

TURISMO

Estima-se que 3,7 milhões de turistas brasileiros e estrangeiros tenham transitado pelo Brasil durante a Copa

- R$ 6,7 bilhões foi quanto eles gastaram durante os jogos
- De 360 mil a 600 mil novos visitantes devem vir ao País nos próximos anos por causa do evento

Fonte: MTur

AEROPORTOS E VOOS

- Em junho, nos aeroportos administrados pela Infraero nas cidades-sede, foram registrados 81.297 pousos e decolagens. Desse total, 6.286 (**7,7%**) registraram atraso
- O índice de atrasos de voos na Copa ficou abaixo do padrão internacional (**15%**) e do europeu (**8,4%**)
- Dos 108 mil slots para jatos executivos disponibilizados em 23 aeroportos brasileiros durante a Copa do Mundo 2014, 83% já estavam ocupados antes mesmo do início do torneio
- Para algumas das seleções, o processo de alfândega e retirada de bagagem não levou mais do que dez minutos
- Para turistas em geral, o trâmite pós-desembarque levava cerca de meia-hora

Fontes: Infraero e Anac

ELOGIOS ÀS ARENAS E À TORCIDA

- Apesar de problemas pontuais no fornecimento de comida, os torcedores elogiaram os estádios brasileiros. Não houve incidentes graves durante os jogos
- O clima amistoso e a receptividade dos brasileiros, destacados pelos estrangeiros, contribuíram para um ambiente inigualável durante as partidas

AUDIÊNCIA TELEVISIVA

- **3,6** bilhões de telespectadores mundo afora. Na África do Sul, foram 3,2 bilhões
- **73** mil horas de transmissão para mais de 200 países = 1 aparelho de tevê ligado por oito anos
- **19** mil profissionais na cobertura do evento
- Na tevê paga, a audiência nesta Copa foi três vezes maior na comparação com 2010

PÚBLICO TOTAL***

Brasil (2014)	3,28 milhões*
Estados Unidos (1994)	3,58 milhões
França (1938)	375 mil

MÉDIA DE PÚBLICO POR PARTIDA

Brasil (2014)	53 mil*
Estados Unidos 1994	68,9 mil
França (1938)	20,8 mil

SUCESSO FORA DE CAMPO

O caos profetizado por muita gente não aconteceu. Aeroportos funcionaram, os turistas gastaram e a economia girou

ECONOMIA GERAL E EMPREGO

- **R$ 30 bilhões** devem ser somados à economia brasileira graças à Copa do Mundo
- A Copa gerou **3,6 milhões de empregos** em todo seu ciclo
- Para cada R$ 1 de investimento público na Copa, obtêm-se **R$ 3,4 de investimento privado**

Fonte: Fipe e FGV

TRANSPORTE E HOSPEDAGEM NAS CIDADES-SEDE

- Os sistemas de trens, metrô e ônibus funcionaram bem durante os jogos
- A rede hoteleira conseguiu dar conta da demanda adicional

Os turistas sul-americanos que viajaram de carro encontraram cidades preparadas para recebê-los, com bolsões de estacionamento e locais para acampamento

Fonte: MTur

BARES E RESTAURANTES

- 30% foi o aumento no faturamento de bares em dias de jogos de seleções estrangeiras
- 80% foi o aumento no faturamento de bares em dias de jogos do Brasil
- R$ 12 bilhões foi quanto o setor faturou no total

Fonte: Abrasel

Qual o motivo, então, para o brasileiro ter apostado tanto no fracasso da sua Copa e ter temido um constrangimento colossal justo no seu grande momento de apresentar ao mundo a capacidade de organizar um evento desta magnitude? "É engraçada a dúvida que surgiu no Brasil sobre sua condição de realizar um megaevento de porte mundial", diz Bryan McCann, professor de história brasileira da Universidade Georgetown, em Washington, nos Estados Unidos. "Foi tudo muito aceitável ou melhor do que a média mundial e quem apostou em desastre claramente exagerou", diz ele.

Para o diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie, em São Paulo, Valter Caldana, o que houve foi um debate acalorado demais, que induziu ao erro de avaliações. "O debate saiu do campo técnico e político e foi para o campo eleitoral, o que sempre pode ultrapassar os limites do bom senso", diz ele.

HERÓIS BRASILEIROS

Quem são os atletas nacionais que mais se destacam no esporte atualmente

Neymar Jr.

Futebol

Aos 22 anos, o craque do Barcelona e da Seleção Brasileira tem status de celebridade internacional. Mais talentoso jogador de sua geração, chocou o País ao sofrer uma lesão na coluna, mas já se recupera.

Sarah Menezes

Judô

Primeira brasileira a ganhar um ouro no judô, na Olimpíada de Londres-2012, a piauiense se mantém na elite do esporte. É esperança de medalha para a Rio 2016

César Cielo

Natação

O nadador paulista de 27 anos tem três medalhas olímpicas (um ouro e dois bronzes), além de seis primeiros lugares e dois recordes mundiais. Favorito para 2016

Arthur Zanetti

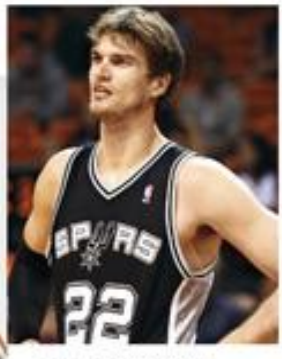
Ginástica artística

Vencedor nas argolas nos Jogos Olímpicos de Londres-2012, foi o primeiro latino-americano a conquistar uma medalha de ouro no esporte em toda a história

Marta

Futebol

É simplesmente a maior jogadora de futebol de todos os tempos. Cinco vezes melhor do mundo



Tiago Splitter

Basquete

É o primeiro brasileiro a conquistar o campeonato da NBA, a liga de basquete dos Estados Unidos. O catarinense de 29 anos joga pelo San Antonio Spurs

Com as questões de infraestrutura resolvidas, sobrou espaço para que o Brasil mostrasse ao mundo exatamente o que tem de mais único, de mais especial, algo que os próprios brasileiros têm dificuldade em compreender e aceitar: a tal da brasilidade, esse conjunto de características que une um país de dimensões continentais como nenhum outro no mundo. Darcy Ribeiro, o antropólogo que, como poucos, conseguiu traduzir em palavras a alma brasileira, gostava de dizer: "Os brasileiros se sabem, se sentem e se comportam como uma só gente, pertencente a uma mesma etnia".

O sociólogo Alberto Carlos Almeida, autor do best-seller "A Cabeça do Brasileiro", diz que, apesar da tradição europeia, não somos um povo europeu. "Essa Copa serviu para mostrar ao mundo as características muito próprias do brasileiro, como a alegria, a flexibilidade e a nossa imensa capacidade de conciliação", diz ele.

"O brasileiro poderia ser mais sério, é verdade. Mas por outro lado não podemos renegar quem somos. A alegria do povo brasileiro é algo maravilhoso, não podemos perder isso", diz o filósofo Renato Janine Ribeiro. Darcy Ribeiro argumentava que essa alegria veio do índio, para quem o sentido da vida era só um: viver.

JEITINHO - A improvisação e a alegria dos brasileiros conquistaram os turistas

E não se trata apenas de alegria. Há muita capacidade também. São poucos os países do mundo que podem se orgulhar de ter uma empresa de pesquisa como a Embrapa, que com tecnologia puramente nacional conseguiu fazer com que o Brasil se transformasse em um dos maiores produtores de grãos do planeta. Ou como a Embraer, por exemplo, que pelo empenho de engenheiros nacionais é hoje uma das quatro maiores fabricantes de aviões do mundo. Ou o que dizer de artistas que influenciaram – e influenciam – a arte mundial, como João Gilberto, Tom Jobim e Heitor Villa-Lobos. Por isso, imaginar que a derrota, por mais humilhante que seja, em uma partida de futebol, tem o poder de sintetizar a pretensa inferioridade de um povo como o brasileiro é mais que burrice, trata-se de má-fé. Como diria João Ubaldo Ribeiro, com toda a sua crítica ácida à formação histórica do Brasil: Viva o povo brasileiro.

O MUNDO SE RENDE AO BRASIL

Primeiro, a apreensão. Depois, o mais absoluto encantamento. Bastou a bola começar a rolar para a imprensa internacional entender que a Copa do Brasil seria um sucesso e não a tragédia que se anunciava nos meses que antecederam a abertura do Mundial. A revista alemã "Der Spiegel" foi uma das que se surpreenderam positivamente logo nos primeiros dias. "Eu não estive no Brasil, mas nós temos seis repórteres aí e eles disseram que a organização do evento foi maravilhosa. Eles não reclamaram de nada. Elogiaram os aeroportos, os trens, os estádios. Foi uma grande Copa do Mundo", contou à ISTOÉ o coeditor da revista, Michael Wulzinger, que também elogiou o ambiente do Brasil durante os jogos e os brasileiros. "A atmosfera era fantástica. Esperávamos que a população fosse protestar, mas o povo foi muito pacífico e amigável e soube aproveitar o momento."

Wulzinger ressaltou também a capacidade do País em realizar eventos mundiais. " O governo e os brasileiros mostraram para o mundo inteiro que eles podem organizar eventos mundiais."

O especialista francês em esportes e relações internacionais David Ranc comparou a Copa do Mundo no Brasil com a Olimpíada de Londres de 2012. Ele citou exemplos de que os jogos na cidade inglesa tiveram pior organização que o Mundial no Brasil. Para Ranc, o grande número de reportagens negativas e de críticas feitas antes do início da Copa mostra racismo e preconceito contra países do Hemisfério Sul.

Assim como a imprensa francesa, alemã e muitas outras, o jornal espanhol "El País" publicou reportagem com o título "Não era para tanto", em que apontava o clima de otimismo no Brasil e afirmava que o Mundial superou as expectativas. O texto diz que os transportes funcionam perfeitamente e elogia os serviços dos aeroportos. Em termos de organização, o jornal disse que os jogos começam pontualmente e que é possível ver "torcedores felizes" nas ruas brasileiras.

POSITIVO
O mundo viu um Brasil alegre e organizado e considerou essa uma das maiores Copas da história

---

ANA CAROLINA NUNES, PAULA ROCHA e YAN BOECHAT são jornalistas e escrevem para esta publicação. Foto: Laurence Griffiths/Getty Images,Mario Tama/Getty Images; ANDRÉ LUCAS ALMEIDA/FUTURA PRESS; Marcio Fernandes/AE; FERNANDO NUNES/FUTURA PRESS; Bruno Santos/TERRA, LUCY NICHOLSON. **Revista ISTO É, Julho de 2014.**

Cibercondri@ a saúde em segundo plano (IGOR LINS LEMOS)

A ansiedade induzida como resultante de buscas on-line relacionadas à saúde é uma atividade que vem aumentando de forma exponencial no campo da ciberpsicologia, ainda que existam poucos estudos nesta área

INDUBITAVELMENTE, a Internet revolucionou os modelos de comunicação, permitindo também que novas formas de entretenimento fossem desenvolvidas, assim como o acesso às informações dos mais variados conteúdos. A *World Wide Web* remodelou também os antigos padrões de relacionamentos, seja por meio das redes sociais, dos fóruns ou dos programas de interação em tempo real, disseminados também nos celulares. Não apenas essas modificações foram provocadas pelo avanço da cibercultura como também o acesso à saúde foi reformulado para novos padrões. Atualmente, é possível, por exemplo, verificar resultados de exames de sangue no endereço eletrônico do laboratório ou acessar sites sobre saúde mental e de planos de saúde sem sair de casa.

Apesar dos diversos benefícios da Internet para a saúde humana, outra manifestação psicopatológica (vinculada ao campo eletrônico) vem sendo discutida, além da dependência de jogos eletrônicos, Internet, cibersexo e celular: a cibercondria. O nome é um neologismo dos termos *ciber e hipocondria*. Apesar de parecer ofensivo, pesquisadores revelam que a intenção é que a etimologia da cibercondria não seja compreendida como sendo pejorativa.

A Internet revolucionou os modelos de comunicação, permitindo também que novas formas de entretenimento fossem desenvolvidas, assim como o acesso às informações dos mais variados conteúdos

O que é hipocondria?

Para uma compreensão mais acurada da cibercondria é imprescindível ressaltar o que é a hipocondria. De acordo com o DSM-IV, a hipocondria é uma preocupação associada ao medo ou à ideia de sofrer de uma enfermidade, com base em uma interpretação errônea de sintomas ou funções corporais, em que o indivíduo teme sofrer de uma doença grave, apesar de avaliações e garantias médicas apropriadas. No DSM-IV, a hipocondria estava inclusa no grupo dos transtornos somatoformes, que são caracterizados pela presença de sintomas físicos que sugerem uma condição médica geral, mas que não são explicados por uma condição clínica, por efeito de substâncias ou por outro transtorno mental. A hipocondria distinguia-se dos demais transtornos somatoformes pelo fato de a ideia de ter uma doença grave ocorrer não somente no curso do transtorno de somatização (DIB, VALENÇA e NARDI, 2006).

Para atingir os critérios da somatic symptom disorder, os pacientes devem ter um ou mais sintomas somáticos, com os quais há excessiva preocupação

Para atingir os critérios da *somatic symptom disorder*, os pacientes devem ter um ou mais sintomas somáticos com os quais eles são excessivamente preocupados. Esses medos e comportamentos corroboram em um estresse e uma disfunção que são significativos para esses sujeitos, além de usarem frequentemente serviços de saúde nos quais raramente eles são reassegurados. Em relação à *illness anxiety disorder,* o paciente pode ou não ter uma condição médica, mas apresenta um aumento das sensações corporais e é intensamente ansioso no que se refere à possibilidade de ter uma doença sem diagnóstico, ou devota um tempo excessivo em relação às preocupações com sua saúde, frequentemente buscando informações, obsessivamente, sobre sua possível condição médica.

De acordo com grupos de especialistas, críticas podem ser feitas a estas novas classificações, já que com tão poucos critérios possivelmente haveria um aumento epidemiológico significativo. Entretanto, o que ocorrerá, de acordo com o novo manual, é o oposto, após 20 anos de reformulações sobre a hipocondria: sujeitos com queixas de saúde que sejam coerentes com seu estado clínico não mais serão diagnosticados, de acordo com o novo critério do DSM-V.

A procura de informações sobre sintomas e doenças na Internet é comum e, muitas vezes, serve a propósitos úteis

Fantasia ou realidade?

Apesar dos diversos benefícios da Internet para a saúde humana, outra manifestação psicopatológica (vinculada ao campo eletrônico) vem sendo discutida, além da dependência de jogos eletrônicos, Internet, cibersexo: a cibercondria

Maria saía da faculdade em uma sexta-feira, tarde da noite, e, caminhando em direção ao ponto de ônibus, sentiu uma forte dor de cabeça repentina. Pensou, inicialmente, que não seria nada de mais, "apenas um sinal de que a semana havia sido longa e cansativa". A dor foi intensificando no caminho para casa e, ao chegar a sua residência, ela se lembrou de que não poderia consultar um médico naquele horário, apenas em emergências de hospitais. Pensamentos catastróficos começaram a surgir: "e se isso for uma doença séria?", "e se eu morrer?", "isso nunca aconteceu com tanta intensidade antes, pode ser um sinal muito ruim".

Decidiu buscar informações na Internet, no Google em especial, sobre a sua dor de cabeça, e ficou assustada com a quantidade de mensagens dissonantes sobre esse sintoma (de TPM a tumores cerebrais). Em seguida, sua visão passou a ficar embaçada e um aumento significativo de sudorese ocorreu. Juntou todos estes sintomas em uma busca na Internet e, levemente tonta, encontrou um fórum que discutia sobre doenças incuráveis. "Estou ficando mais ansiosa", pensou.

Ficou ainda mais assustada com as novas possibilidades e correu para o banheiro, enjoada, e vomitou. Sentiu um grande alívio imediatamente. Mas sua preocupação não passou. No dia seguinte, foi ao clínico geral: na entrevista, foi descoberto que havia ingerido alimento malconservado , um cachorro-quente com um gosto suspeito no intervalo de uma das aulas.

Mas por qual razão Maria não se lembrou desse fato? Por qual razão ela recorreu à Internet para ficar mais tranquila, embora o que aconteceu tenha sido justamente o oposto? Ainda em dúvida sobre o problema, ela acessou a Internet novamente para saber se o seu médico poderia estar errado. Um ciclo se iniciava.

Apesar de ser uma ficção, este fenômeno ocorre com muitas pessoas ao redor do mundo, que, logo imediatamente a mudanças corporais, recorrem à Internet para saber como resolver o seu problema; e esta queixa se expande a muitas outras, desde dores no peito e menstruação atrasada até dores estomacais. No caso de Maria, a Internet apenas aumentou a sua ansiedade. Será, então, que Maria sofre de cibercondria?

Novo fenômeno psiquiátrico?

A procura de informações sobre sintomas e doenças na Internet é comum e, muitas vezes, serve a propósitos úteis. De acordo com Aiken e Kirwan (2012), a Internet é um valioso recurso na busca de informações médicas e continuará sendo por muitos anos. Porém a web tem, em paralelo, o poder de aumentar a ansiedade dos indivíduos que não tiveram treinamento médico quando estes buscam diagnósticos em websites. Dessa forma, atualmente, diversas pessoas que são excessivamente angustiadas ou muito preocupadas com a sua saúde realizam pesquisas constantes na Internet e apenas se tornam mais ansiosas ou amedrontadas: este padrão é definido como cibercondria, termo que surgiu em meados de 2000.

A cibercondria é um novo fenômeno. A ansiedade induzida como resultante de buscas *on-line* relacionadas à saúde é um sintoma que vem aumentando de forma exponencial, sendo relacionada ao campo da ciberpsicologia, ainda que existam poucos estudos neste campo. De acordo com o *Office for National* Statistics (2011), 42% das famílias do Reino Unido acessaram a Internet nos últimos três meses em busca de informações relacionadas à sua própria saúde. É sugerido que "saúde" seja o segundo tema mais procurado na Internet.

PARA SABER MAIS

Sinais condizentes com um **"cibercondríaco"**

a) foca no pior cenário possível para o seu problema, sem outras explicações mais amenas possíveis (uma dor de cabeça, que pode ser explicada de várias formas, confunde-se com um tumor incurável);

b) não se recorda da sua última condição médica que não foi consultada na Internet;

c) se sente pior quando interrompe o uso do computador/celular (sintoma semelhante à abstinência, condizente com as dependências tecnológicas);

d) não é 100% seguro em relação aos seus sintomas;

e) os endereços eletrônicos nos seus "favoritos" são de websites médicos, em vez de sites de esportes, revistas ou portais;

f) esta condição de preocupação recorrente domina a vida do indivíduo, interferindo significativamente na sua qualidade de vida.

Novas denominações

A hipocondria foi substituída por outras denominações no segundo semestre de 2013, agora no DSM-V, lançado há pouco menos de um ano. Uma das maiores modificações foi justamente neste grupo psiquiátrico, anteriormente classificado dentro de um dos transtornos somatoformes. A hipocondria não mais tem esta caracterização, tendo sido voltada para outras duas possibilidades: *a somatic symptom disorder* ou a *illness anxiety disorder* (ainda sem traduções para o português).

Medição da cibercondria

Uma das poucas escalas existentes para a mensuração sintomatológica da cibercondria é a cyberchondria severity scale (CSS). O instrumento foi validado por meio de uma amostra de 208 estudantes, sendo 64% do sexo feminino. O instrumento apresenta cinco fatores: "compulsão", "aflição", "excessos", "busca de reasseguramento" e "desconfiança em relação ao profissional médico". McElroy e Shevlin (2014), os autores responsáveis pela escala, apontaram que esta apresentou boas propriedades psicométricas, com alto nível de consistência interna. Dessa forma, a CCS pode se tornar uma opção para uma variedade de pesquisas futuras em relação à cibercondria.

O termo "saúde" é considerado o segundo mais procurado na Internet. De acordo com o Office for National Statistics (2011), nos últimos três meses, 42% das famílias do Reino Unido acessaram a Internet em busca por informações de saúde

A ansiedade induzida como resultante de buscas on-line relacionadas à saúde vem aumentando de forma exponencial, sendo relacionada à ciberpsicologia

Ansiedade e cibercondria

Um estudo realizado por Muse et al. (2012) questionou se a cibercondria é um novo fenômeno ou apenas uma classificação equivocada. Por meio de avaliação da ansiedade em um grupo de 82 participantes, 46 deles apresentaram alta ansiedade e 36 indivíduos revelaram ter baixa ansiedade. Os pesquisadores estabeleceram uma hipótese de que quanto maior fosse a ansiedade desses indivíduos, maior seria o comportamento de busca por informações relacionadas à saúde na Internet. Os resultados responderam positivamente a essa indagação.

Os participantes mais ansiosos buscavam esse tipo de informação na rede com mais frequência, passavam um tempo maior nesse tipo de busca e consideravam que essa era uma atividade que provocava ainda mais ansiedade. Esse grupo ainda recorria a outros *websites* sobre condições médicas que nunca foram diagnosticadas, liam constantemente sobre experiências de adoecimento de terceiros e participavam ativamente de fóruns relacionados às patologias. Os autores apontam que a busca de informações na rede pode, em vez de beneficiar esses pacientes muito ansiosos, potencializar a ansiedade em relação à própria saúde.

Nos Estados Unidos, websites como o *WebMD* e *MayoClinic* podem indicar valiosas informações sobre cuidados com a saúde para usuários da Internet. Nestes endereços, os consumidores conseguem saber se os seus sintomas podem indicar uma condição médica séria ou mesmo medos sem fundamentos. Apesar disso, a população geral tem como preferência a busca de informação sobre sua própria saúde em outros endereços, como o Google, o Yahoo! e a Microsoft.

Será que uma busca na Internet sobre sua própria saúde é uma atitude negativa? De acordo com White e Horvitz (2009), se essa pesquisa for feita de maneira aleatória, poderá resultar em páginas que tenham conteúdos alarmantes sobre sérios tipos de adoecimentos sem, no entanto, assegurar o usuário de que ele possa, na realidade, apresentar outro tipo de condição médica ou mesmo nenhum tipo de adoecimento. Entretanto, se acometido pela cibercondria, o usuário poderá não considerar essa possibilidade.

A busca por informações torna-se inapropriada quando o objetivo é um procedimento diagnóstico, pois o usuário pode interpretar de maneira distorcida a sua leitura, supervalorizando sintomas que não são indicativos de condições médicas ou mesmo menosprezando sinais de doenças.

White e Horvitz (2009) realizaram uma pesquisa com 515 indivíduos que iriam revelar as suas experiências sobre como investigam seus sintomas e suas preocupações médicas (como o autodiagnóstico) na Internet. Os resultados demonstraram que, em geral, a população estudada apresentava um baixo índice de ansiedade com a saúde, porém preocupações com a saúde e a busca dessa informação na Internet ocorriam sempre ou com muita frequência em um de cada cinco participantes. Aproximadamente dois entre cada cinco indivíduos mencionaram que a interação com websites de saúde aumentava sua ansiedade e, por fim, metade dos participantes sugere que esse comportamento, na realidade, diminui a sua ansiedade. Os pesquisadores ainda mencionaram que predisposição à ansiedade (vulnerabilidade mental) pode contribuir para uma busca excessiva de informações sobre a sua própria saúde na Internet.

Uma pesquisa mostrou que os participantes mais ansiosos buscavam em sites informações sobre possíveis sintomas, liam constantemente sobre experiências de adoecimento de terceiros e participavam ativamente em fóruns sobre patologias

A busca por informações torna-se inapropriada quando o objetivo é um procedimento diagnóstico que pode gerar interpretações distorcidas

Intolerância à incerteza

Fergus (2013) realizou um estudo com 512 participantes nos Estados Unidos. A média de idade foi de 33,4 anos, sendo 55,3% do sexo feminino. O objetivo do seu trabalho foi verificar o efeito da intolerância à incerteza na relação entre a frequência de buscas por informações médicas da web e a ansiedade com a saúde. Para esta pesquisa foram aplicados os seguintes instrumentos: a *Intolerance of Uncertainty Scale* - 12 item Version (IUS-12), a *Short Health Anxiety Inventory* (SHAI) e a *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS). Além disso, foram considerados outros dois pontos: a relação entre a ansiedade com a saúde como um resultado de buscas por informações médicas na Internet e a frequência com que esse usuário busca esse serviço.

Uma consultoria australiana mencionou que quase 89% dos médicos naquele país tiveram pacientes que trouxeram informações da Internet

De acordo com o autor, é comum que as pessoas encontrem e busquem esse tipo de informação na Internet, entretanto são desconhecidos os motivos que levam uma parcela da população a desenvolver a cibercondria. O estudo em questão, então, seria uma forma de preencher esta lacuna na literatura científica. A pesquisa demonstrou que quanto maior o nível de intolerância à incerteza, maior a chance de o indivíduo experienciar a cibercondria. Essa ansiedade pode se tornar ainda maior devido ao fato de a Internet oferecer diversas informações para o mesmo problema, confundindo o usuário na identificação do seu problema sintomatológico. Além disso, nem todos os usuários são habilidosos para encontrar endereços eletrônicos confiáveis.

Uma estratégia possível, segundo Fergus (2013), para diminuir esse tipo de intolerância, seria a aplicação de estratégias cognitivas para aumentar a tolerância à incerteza. O indivíduo passaria a aprender a aceitar que uma explicação definitiva para sensações corporais ambíguas não é possível. A exposição a situações que evitem os comportamentos de segurança (checar os *websites*) é outra estratégia.

Diversos pacientes já trouxeram diagnósticos para o setting clínico que foram cuidadosamente encontrados com o "Dr. Google": TDAH, TOC, depressão, transtornos de personalidade. A lista é extensa

Prática clínica

Uma consultoria australiana mencionou que quase 89% dos médicos na Austrália já tiveram pacientes que trouxeram, ao seu consultório, informações da Internet sobre o seu estado clínico. Como psicoterapeuta cognitivo-comportamental, enfocando em meus atendimentos o campo das dependências tecnológicas, posso assegurar que essa prática não é exclusiva com profissionais da Medicina. Diversos pacientes já trouxeram diagnósticos para o *setting* clínico que foram cuidadosamente encontrados com o "Dr. Google": TDAH, TOC, depressão, transtornos de personalidade. A lista é extensa. O dado de minha prática em consultório revelou o oposto: a maior parte desses pacientes cometeu equívocos com as informações que foram levadas às sessões. Isso significa que é incorreto informar-se em relação ao seu problema? De forma alguma. A psicoeducação é uma das estratégias mais importantes para que o paciente conheça o seu problema e saiba como pode ser ajudado. Entretanto esse tipo de direcionamento só pode ser feito por um profissional da área da saúde mental, seja ele um psicólogo ou psiquiatra.

Infelizmente, ainda existe um quantitativo assustador de indivíduos que ainda não compreendem que as novas manifestações tecnológicas são reais. O processo de psicoeducação sobre os transtornos vinculados ao mundo virtual é necessário, vide as reportagens anteriores na Psique sobre a dependência de jogos eletrônicos, cibersexo e *cyberslacking.* De acordo com Lemos e Santana (2012), o prognóstico em relação a esses transtornos não é positivo, tendo em vista que a literatura científica prevê que um quantitativo cada vez maior seja acometido por esses modelos psicopatológicos.

Infelizmente, ainda existe um quantitativo assustador de sujeitos que ainda não compreendem que as novas manifestações tecnológicas são reais

O principal objetivo desse artigo, além de ressaltar a novidade e a importância desse tema, não é sustentar a ideia de que, a partir de agora, os sintomas sejam negligenciados ou esquecidos e a Internet se torne uma inimiga da saúde. O foco é ressaltar que buscar imediatamente uma "resposta" de um sintoma na Internet pode aumentar a sua ansiedade. Dessa forma, é necessária uma reflexão para verificar se esse artifício está ajudando-o ou, na verdade, afetando negativamente a sua qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

AIKEN, M.; KIRWAN, G. Prognoses for diagnoses: medical search online and "cyberchondria". BMC Proceedings, v.6, 2012.
DIB, M.; VALENCA, A.M.; NARDI, A.E. Transtorno de pânico e hipocondria. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v.55, n.1, 2006.
FERGUS. T.A. Cyberchondria and intolerance of uncertainty: examining when individuals experience health anxiety in response to internet searches for medical information. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, v.16, n.10, 2013.
LEMOS, I.L.; SANTANA, S.M. Dependência de jogos eletrônicos: a possibilidade de um novo diagnóstico psiquiátrico. *Revista de Psiquiatria Clínica,* v.39, n.1, 2012.
McELROY E.; SHEVLIN, M. The development and initial validation of the cyberchondria severity scale (CSS). *Journal of Anxiety Disorders,* v.28, n.2, 2014.
MUSE K.; McMANUS F.; LEUNG, C.; MEGHREBLIAN B.; WILLIAMS J.M. Cyberchondriasis: fact or fiction? A preliminary examination of the relationship between health anxiety and searching for health information on the Internet. *Journal of Anxiety Disorders,* v.26, n.1, 2012.
WHITE R.W.; HORVITZ, E. Experiences with web search on medical concerns and self diagnosis. AMIA *Annual Symposium Proceedings,* 2009.

IGOR LINS LEMOS é psicoterapeuta cognitivo-comportamental, tutor da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS) e doutorando em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento (UFPE). É palestrante e pesquisador das dependências tecnológicas. **Revista PSIQUE, Julho de 2014.**

A ciência do Face (LUIZ FELIPE PONDÉ)

AS REDES sociais são a próxima fronteira das ciências sociais. Essa nova disciplina (ciências sociais aplicadas às redes sociais) já tem um nome: física social. O termo "física social" data do Iluminismo do século 18 e era um projeto de uma ciência do humano à semelhança da mecânica newtoniana. Claro, fracassou porque o ser humano é difícil de ser contido dentro do controle das variáveis que o método científico exige. Por isso as ciências humanas são algo entre a arte, a poesia e uma ciência envergonhada com sua própria imprecisão.

Mas, eis que, com o advento das redes sociais, temos a possibilidade de aplicar métodos quantitativos a "fragmentos de comportamento" humano (sonho do behaviorismo), traduzidos em número de posts. Os físicos sociais sonham com a possibilidade de prever comportamentos nas redes (e fora dela, mas estimulados por ela) com precisão matemática. O pesquisador do MIT Alex Pentland tem esperanças de que a física social nos traga as certezas que as ciências "duras" trazem, sem criar problemas éticos. Talvez ele seja um tanto sonhador. E mais: ele pensa que com o advento do big data seremos capazes de prever guerras, massacres, epidemias, tendências ainda invisíveis de comportamento. Enfim, seremos capazes de criar uma sociedade organizada a partir do big data ("data-driven society").

Big data é uma gigantesca plataforma de convergência de dados que desenharia de modo muito preciso o que eu "sou". Essa plataforma saberia o que eu quero e o que eu não quero de modo mais objetivo do que meus devaneios existenciais, a partir do rastro do que compro, dos meus exames médicos, dos lugares que frequento, dos filmes que baixo na internet, do que como, dos remédios que tomo, das roupas que uso, dos posts que faço, enfim, dos dados que descrevem minhas escolhas e minha fisiologia.

O livro "Social Physics, How Good Ideas Spread "" The Lessons From a New Science" de Alex Pentland, ed. Penguin Classics, New York, 2014, (física social, como boas ideias se espalham "" lições a partir de um nova ciência) é um manifesto de boas intenções com relação à ciência do big data e das redes sociais. A ideia dele é estabelecer de modo preciso como boas ideias se espalham pelas redes e se transformam em ação no mundo. Entretanto, até Pentland, um "integrado" à sociedade tecnológica moderna, teme pelos riscos de tamanha empreitada e chama a atenção para a necessidade de parâmetros éticos na lida com as pessoas que, afinal, estão criando esses dados e muitas vezes postando suas vidas. Temo que Pentland seja um tanto ingênuo no seu projeto.

Veja, não duvido que tal ciência ocorra (ferindo todos os parâmetros éticos existentes). Pelo contrário, formas dela já estão em curso. Temo que as redes sociais não sejam tão evidentemente "do bem" como pensa Pentland. Refiro-me aos transtornos que ela pode causar. Nem tudo são flores na vida dessa jovem ciência. Recentemente, o artigo "Experimental evidence of massive-scale emotional contagion through social networks" (evidência experimental de contágio emocional de massa através das redes sociais), fruto de uma pesquisa desse tipo (a **Folha** falou desta pesquisa na segunda-feira dia 30 de junho), gerou protestos nas redes e fora dela. A pesquisa realizada por Adam D. I. Kramer, James I. Guillory e Jeffrey T. Hancock filtrou posts recebidos por usuários do Facebook escolhidos randomicamente e sem que eles soubessem (daí os protestos). O filtro fez com que essas pessoas recebessem apenas posts com conteúdo emocional "positivo" ou "negativo" durante uma semana em janeiro de 2012.

O resultado foi que as emoções se espalharam "na velocidade da luz" provando que nas redes sociais emoções positivas e negativas se espalham indiscriminadamente, levando os usuários a repetirem (postarem) as emoções que receberam via Facebook. O impacto é claro: as redes sociais são um veículo poderoso de reprodução de comportamentos que podem facilmente se tornar violentos. Vide o que aconteceu com a infeliz falsa "bruxa" do Guarujá.

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, 'Contra um mundo melhor' (Ed. LeYa). **ponde.folha@uol.com.br**. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

Brics: uma página virada? (ZHANG JUN)

ORIGINALMENTE, o termo Brics foi cunhado como um conceito de investimento para otimizar portfólios destinados a um grupo de economias emergentes com rápido crescimento --Brasil, Rússia, Índia, China e, posteriormente, África do Sul. Ninguém teria imaginado que a simples combinação de cinco letras poderia exercer tanto poder - trouxe lucros a investidores e impressionou o mundo como símbolo de nova força motriz do crescimento econômico global, particularmente durante o período mais escuro da crise financeira internacional.

No entanto, aparentemente, a magia está se desfazendo. Os países do grupo têm sofrido a saída volumosa de capitais, excessiva volatilidade da taxa cambial, crescente pressão inflacionária e instabilidade social. Instituições internacionais como FMI e OCDE mudaram o tom e projetam um futuro sombrio para os Brics. O grupo passa a ser considerado por investidores uma página a ser virada em breve. Visão mais ampla, porém, sugere um cenário diferente. Sem dúvida, os Brics enfrentam desafios, mas a maioria deles só se tornou evidente nos últimos tempos. Numa análise menos imediata, constata-se que a trajetória de crescimento dos países-membros não foi revertida. Segundo o FMI, nas últimas duas décadas, o peso econômico dos Brics aumentou de 5,6% para 21,3% e continua crescendo. Especialistas apontam que, nesse período, o consumo privado, investimento e comércio nos Brics quase dobraram.

É, portanto, apressado demais declarar o perecimento do grupo. Investidores que fugiram dos mercados dos Brics são em maioria financeiros, que buscam apenas retornos, e não estratégicos, com visão de longo alcance. Os Brics se caracterizaram por elementos de sucesso como crescente produtividade, custo de mão de obra relativamente baixo, enorme demanda interna e externa, políticas de incentivo a investimento e assistência técnica estrangeiros, assim como melhor técnica de gestão macroeconômica e social. Ao reconhecermos que alguns desses elementos estão perdendo o gume, devemos perceber, também, que a maioria se mantém inalterada. Os fundamentos das vantagens comparativas dos Brics continuam fortes.

Com mais de 40% da população mundial, os Brics têm enorme potencial de crescimento. Forte desejo dos povos por uma vida melhor e ambiciosas agendas de reforma nos países, como o processo em curso de urbanização e reestruturação econômica na China, continuarão criando demandas intermináveis. Como resultado, não apenas o crescimento dos Brics será impulsionado, como excelentes oportunidades serão oferecidas para o resto do mundo. Mais importante, os Brics comandam o seu próprio destino. Do momento em que foi criado até hoje, de um conceito de investimento, o grupo se

tornou um mecanismo maturado de cooperação intergovernamental. Os cinco países não estão de braços cruzados esperando para serem condenados.

Apesar das condições desfavoráveis, os Brics vêm tomando ações para enfrentar choques e têm estabilizado a situação. Ao mesmo tempo que realizam reformas estruturais conforme as suas circunstâncias nacionais, os países-membros estão desenvolvendo agenda comum para reforçar o crescimento e a resiliência coletiva, o que é bem representado pelo processo em andamento que visa ao estabelecimento do Novo Banco de Desenvolvimento dos Brics e do Arranjo Contingente de Reservas.

Com o início do segundo ciclo de cooperação dos Brics, marcado pela sexta cúpula do grupo a ser realizada na próxima semana no Brasil, os países-membros estão preparados para alcançar mais progressos. Os Brics enfrentam, inevitavelmente, altos e baixos no seu caminho de desenvolvimento. Todavia, temos motivos para crer que a bela história do grupo está em curso, pronta para uma nova etapa.

ZHANG JUN é negociador adjunto da China para assuntos relativos aos Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

Deixa com a gente (NIZAN GUANAES)

TIRANDO todos os problemas de custo e logísticos que esta Copa do Mundo teve, até aqui ela é um espetáculo. O grande vexame até agora foi a cerimônia de abertura. Aquilo foi de um ridículo atroz. Música ruim no país da música, dança ruim no país da dança, tudo sem graça no país da graça. Quando todo mundo apedrejava esta Copa, eu apostei nela e coloquei o meu na reta. Vamos lá, de novo: Doutor da Fifa coordenador do vexame da cerimônia de abertura, deixe o encerramento desse espetáculo com a gente.

A gente chama aquele carnavalesco carioca, o Paulo Barros, reaproveita um monte de carros alegóricos do Carnaval passado, reúne as melhores baterias das escolas de samba, recruta as personalidades icônicas do Brasil. Enfim, faremos rapidamente aquilo que deu origem à feijoada, ao cozido, à "goiabeze" - a mistura de restos e sobras que fazem uma terceira coisa mágica. O Brasil se mistura com o mundo neste momento de uma forma que nunca antes havíamos nos misturado. Sediamos o Mundial de 1950 no mundo de 1950. Hoje sediamos o mundo na ultrarrealidade do século 21. As imagens transmitidas de nossos gramados e de nossas ruas estão quebrando recordes de audiência e de "likes" ao redor do mundo, dos Estados Unidos à China, da África à Europa.

Essa mistura do Brasil com o mundo faz muito bem para o Brasil e muito bem também para o mundo. O vice-presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, aproveitou a Copa para visitar o nosso país e reatar laços entre os gigantes americanos. Depois de Biden voltar a Washington, tragado pela última convulsão no Iraque, uma transmissão ao vivo da CNN para o mundo durante o jogo entre Bélgica e Estados Unidos mostrou o que os brasileiros podem fazer pelas relações bilaterais. A correspondente Shasta Darlington, falando do clima festivo do lado de fora do estádio da Fonte Nova, em Salvador, perguntou a um incrédulo âncora na sede da TV americana, em Atlanta: Adivinhe para quem esses brasileiros aqui fora do estádio estão torcendo? E o povo em volta, em coro, gritou: "USA! USA! USA!".

Cenas como essas merecem um encerramento digno do espetáculo que estamos oferecendo. Eu sei que a chance de essa proposta ser aceita pela Fifa é nenhuma porque alguma coisa já deve estar em curso. Mas, se por um milagre baixar Nossa Senhora do Bom Senso, eu pego o José Victor Oliva, o Bazinho Ferraz e umas duas toneladas de talentosos brasileiros e faremos voluntariamente o encerramento dos encerramentos da Copa das Copas. Uma Copa que funcionou dentro do campo e fora dos estádios. Com drama, emoção e reviravoltas dignas de Shakespeare e Janete Clair.

O punhal dos novelões transformado no joelho de Zuñiga atingindo a terceira vértebra de Neymar. E o povo gritando seu nome nos jogos desde então, como os grandes heróis reverenciados nos campos de batalha. Como se dissessem para o grande Neymar: Deixa com a gente! Futebol de Copa tem essa capacidade épica de representação nacional e popular. Que encontrou na Fifa uma organizadora controversa, mas que entrega um grande espetáculo em coprodução com o país-sede. Neste caso, nós, o Brasil. Por isso, o encerramento deve representar o grande jogador desta Copa, o povo brasileiro. Que matou tudo no peito e fez esse espetáculo memorável.

E antes que algum enjoado se aproveite do que eu não disse, eu não subscrevo os elefantes brancos, os superfaturamentos e decisões políticas em vez de técnicas. Mas isso a gente discute quando as visitas forem embora. Vamos agora encerrar esta Copa mágica com uma solução maluca, de fazer de última hora algo diferente daquele vexame disciplinado que vimos na cerimônia da abertura do torneio.

Vamos lá, Fifa. Dê crédito a esse povo que lhe consagrou e faça uma cerimônia de encerramento no padrão Brasil.

NIZAN GUANAES, publicitário e presidente do Grupo ABC, escreve às terças-feiras, a cada 14 dias, nesta coluna. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

A Copa como mediadora social (ROSELY SAYÃO)

E NÃO é que a Copa funcionou como mediador social para um grande número de famílias? Pela primeira vez, desde que começaram os jogos da Copa, vejo nas redes sociais que frequento, por exemplo, mais fotos de pais e filhos reunidos do que de cada um deles sozinhos. O que mais costumo ver são fotos dos filhos, publicadas pelos pais, ou fotos dos pais, publicadas por eles mesmos.

Nas fotos que tenho visto neste período, porém, dá para identificar a interação entre integrantes familiares, tendo como centro a Copa: são pais e filhos vestindo a mesma camisa de torcida, são famílias reunidas em frente à TV, torcendo juntos, são mães providenciando comes e bebes para acalmar a ansiedade da família durante o jogo etc. Fora das redes sociais, também vi muitos pais conversando com seus filhos sobre os jogos, e discutindo também, quando tinham opiniões diferentes. Observei que muitos fizeram a tabela juntos e, inclusive, bolões só entre os integrantes da família. Teve filho que ganhou o bolão com seu palpite, e isso foi motivo para muitas brincadeiras entre eles. Ah! E caro leitor, você acredita que muitas crianças cantaram o nosso Hino junto com os pais, na sala de casa, no começo do jogo?

E tem mais: muitos pais, que são torcedores fanáticos do futebol e que costumam viajar para assistir aos jogos de seu time, desta vez fizeram a mesma coisa, mas com o grupo familiar. Arrisco dizer que o futebol, nesta Copa, conseguiu a proeza de integrar muitas famílias. E isto é que é família: integrantes de todas as idades compartilhando a vida. Neste caso, o futebol representou a vida e atualizou, consolidou e até mesmo, em alguns casos, colaborou para o início do vínculo familiar. Em tempos em que o "eu" é mais importante do que o "nós", em que as crianças são jogadas, pelos próprios pais, em programas que só interessam aos adultos, sem mesmo que percebam isso, tem sido bem difícil para as famílias se integrarem como um grupo.

Percebo que muitas mães e muitos pais, em busca de uma maior proximidade com os filhos e de conhecê-los mais também, entabulam com eles conversas em que esperam que os filhos falem de si. Os pais perguntam, investigam, controlam, mas não conseguem muita coisa. Criança não costuma fazer o que chamamos de introspecção, e essa não é a melhor forma de conhecermos alguém, não é verdade? É que elaboramos uma teoria a nosso respeito, que nem sempre corresponde ao que somos de fato na relação com os outros. É no relacionamento em conjunto, na convivência, e de preferência com mediadores - jogos, filmes, telejornais e novelas, fatos da vida, enfim - que nos aproximamos de nossos filhos, que aprendemos a conhecê-los e a entender seus pontos de vista, suas expectativas, seus temores e suas angústias frente à vida.

Percebo com muita clareza a presença dos pais na vida dos filhos quando estes alcançam algum êxito ou quando fracassam em algo. Mas é no cotidiano, muitas vezes entediante e desgastante, que conseguimos tornar a família aquela panelinha que ela deve ser e que dura a vida toda. E sempre é bom saber que não precisamos de Copa para isso: os afazeres domésticos diários, os trajetos percorridos juntos, os momentos de lazer ou de ócio também são bons mediadores sociais, não são? Basta aprender a usá-los como tal.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

O ASSUNTO É: A DERROTA DO BRASIL

Mais um capítulo da decadência (JOEL RUFINO DOS SANTOS)

A COPA do Mundo me fez lembrar coisas insólitas, como é próprio das lembranças: "Vede - a pátria ao bretão ajoelhou-se, beijou-lhe os pés, no lodo mergulhou-se! Eles a prostituíram!". É verso de um poeta com então 19 anos de idade, Álvares de Azevedo, escrito há 150 anos, em que pedia anistia para os revolucionários da Praieira (1848-49).

Atualmente, não temos problemas com bretões, como a Argentina. O imperialismo bretão é frio. O norte-americano, depois de se livrar do soviético, arranjou tantos líos (confusão, como dizem os chilenos) que até nos permite enfrentá-lo diplomaticamente, como no caso Snowden. Quem é, então, nosso bretão, que nos põe de joelhos, prostituindo Estados nacionais? Seu território é um paraíso luminoso sem fronteiras; suas igrejas, as arenas que chamávamos de estádios; seu Deus, a organização. Quem será? Como nosso futebol chegou a colonizado da Fifa?

Nos primeiros 20 anos, o "football" foi inglês e de ricos, como o squash. Nas duas décadas seguintes, os brasileiros se apaixonaram por ele. Inventaram uma maneira de jogar sem os manuais comprados em lojas --o folder com as regras, as funções de cada posição, o uniforme, a chuteira, a bola, o glossário... Ignorando os manuais, a maneira popular desordenada de levar a bola até o gol driblando (se dizia, significativamente, "comendo") foi um processo cultural autônomo, desses que brotam sem cessar da vida social.

A partir da Revolução de 1930, que pareceu virar tudo de ponta-cabeça, a profissionalização e a federalização dos clubes enquadrariam esse processo. O futebol avançaria, agora, entre duas margens, a do Estado e a do mercado, dominação e lucro. Os saudosistas da fase anterior se chamavam legião porque, como no evangelho, eram muitos - é verdade que tinham saudade do amadorismo, mas não dos campos de terra, pastagens e zonas de agrião.

A nova fase deixou atrás de si esplêndidas ruínas. Fausto, a Maravilha Negra, por exemplo, foi sacrificado e morreu (1939) sem dinheiro e sem glória. Por quê? Sua arte era amadora, boêmia, resistente a táticas - o majestático parece, aliás, característico da arte popular, vide a escultura clássica, o auto medieval, o cordel, o mestre-sala... O triste fim de Fausto, como o de Policarpo Quaresma, não violou a primeira lei da história: ao vencedor, as batatas.

Na fase seguinte, mais ou menos entre 1940 e 1970, sob a república populista, tornamo-nos "os melhores do mundo", "o país do futebol" etc. Populista aqui não na acepção de demagogia, mas como a fórmula de poder carismático que empurrou as massas para dentro do jogo político. Foi bom ser povo naqueles anos: poderosos e pobres confiavam medianamente uns nos outros. Promiscuidade entre os de cima e os de baixo, mascarando a desigualdade e a violência, nossas melhores tradições. Leônidas, o Diamante Negro, foi o Getúlio Vargas do futebol. A partir de 1970, começa a morrer o futebol "arte popular", que era da mesma natureza das esculturas de Nhô Caboclo, das alegorias de Fernando Pinto, das sofisticadas cantigas do mar de Caymmi... O papel do técnico passou a ser o do tirano. Exerce tamanho controle emocional que os jogadores ficam intimidados, não conseguem mudar o jogo dentro de campo.

A primeira massificação do "football" no Brasil lhe dera uma nova qualidade: o drible, a finta, o suingue, o gesto de capoeira, o estilo machadiano de ir, mas não ir. Enquanto isso, a Europa renascia da guerra, a juvenilidade e o mercado feminino criaram o consumo de massa, que restabeleceu a renda média do sistema. Mercado de entretenimento --o disco, o cinema, a roupa, o esporte... É a sua lei, não pode ser violada.

Qualquer juízo de qualidade sobre o futebol que se joga hoje só faz sentido real se considerada essa história. O saudosista, ao ouvir um elogio a Neymar, comenta: "É que você não viu o Pelé!". O pai de Pelé, Dondinho, deve ter dito quando lhe elogiavam o filho: "É que você não viu o Zizinho!". Acabo de assistir à catástrofe Alemanha 7 x 1 Brasil. A saudade mata a gente.

JOEL RUFINO DOS SANTOS, 72, doutor em comunicação e cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, é historiador e escritor. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

O ASSUNTO É: A DERROTA DO BRASIL

A goleada para a Alemanha (ANDRÉ LUÍS PARREIRA)

SUA respeitada ciência, sua história de reconstrução, a economia robusta, os automóveis e, mais recentemente, a energia renovável fazem a Alemanha estar sempre presente em nossas rodas de conversa. Lá, um povo apaixonado por futebol e cerveja consegue grandes placares também fora do campo.

Por aqui, em 26 de junho e em ritmo de Copa do Mundo, foi sancionado pela Presidência da República o Plano Nacional de Educação (PNE). A meta mais comentada, embora não a mais relevante, tem sido a de se destinar 10% do PIB (Produto Interno Bruto) à educação em dez anos. Hoje, são investidos 6,4%. Felizmente, há outras metas previstas no PNE, pois somente esse aumento do investimento, ainda que significativo, não será suficiente para alcançarmos placares de patamar alemão ou de qualquer outro país que seja destaque educacional. Podemos concluir isso com a projeção de alguns números recentes do relatório "Education at a Glance", da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Proporcionalmente, destinar 10% do PIB à educação faria o investimento médio por estudante saltar de aproximadamente US$ 2.900/ano para cerca de US$ 4.500, o que ainda fica muito aquém dos US$ 10 mil/ano investidos pela Alemanha. O salário inicial médio de um professor de educação básica no Brasil passaria dos atuais US$ 5.000/ano para US$ 7.500 contra US$ 30 mil/ano na Alemanha. Como exigir cada vez mais anos de estudo e qualificação dos professores quando se oferece tão pouco? Mas o investimento ainda terá que dar conta de outra triste realidade: a precária estrutura para o desenvolvimento de uma educação de qualidade para a ciência. Já tive a oportunidade de visitar escolas na Alemanha e constatei que o laboratório de ciências, aliado a projeto pedagógico, é parte do dia a dia desde o ensino fundamental.

Por aqui, segundo o portal QEdu.org.br, somente 2% das escolas públicas municipais possuem laboratório de ciências. Se esticarmos a amostra para escolas públicas, o que engloba as estaduais e as federais, o número cresce para 8%. E a pesquisa fala somente em possuir, nada sobre sua utilização efetiva. No Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) de 2012, com participação de 65 países, o placar em ciências ficou assim: Brasil com 405 pontos (59º lugar!) x Alemanha com 524 pontos (12º lugar!). No quesito inovação tecnológica, os alemães solicitaram 20 vezes mais registros de patentes do que nós. E, se colocarmos no placar o número de prêmios Nobel desde 1901, teremos Alemanha 103 x 0 Brasil!

Ou seja, precisamos de muito mais que o investimento do PNE para melhorarmos nosso desempenho. Vamos ter que aprender com os alemães e trabalhar por muitos anos para reduzir as diferenças. Na educação, já estamos na prorrogação.

ANDRÉ LUÍS PARREIRA, 38, físico pela Universidade Federal de São João del-Rei e mestre em tecnologia pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, é diretor para o Brasil da Hiperlab, fabricante americana de planetários digitais. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

O nacionalismo pueril (JEAN MARCEL CARVALHO FRANÇA)

O PENSADOR austríaco Karl Popper, pouco antes de morrer, em 1994, escreveu um pequeno e inusitado livro sobre a mídia televisiva, "Televisão: Um Perigo para a Democracia". Na obra, contrariando as centenas de ideias conspiratórias que então circulavam sobre o tema - como as do sociólogo francês Pierre Bourdieu -, advogava que um dos maiores problemas da televisão é pura e simplesmente o baixíssimo nível cultural de uma parte considerável de quem nela atua. O argumento parece demasiado prosaico, mas, venhamos e convenhamos, tem um poder explicativo imenso quando aplicado ao que se tem visto na programação das redes nacionais nestes sonoros e conturbados tempos de Copa das Copas.

Resolve pouco o problema, mas alivia imensamente o espírito saber, por exemplo, que é a precariedade de raciocínio e a completa ignorância dos conhecidos perigos de se promover o nacionalismo irracional e belicoso da população que levam locutores esportivos a acusar um atleta de outro país de "criminoso", de atentar deliberadamente contra a integridade física de um atleta nacional, ou de alardear a leviana ideia de que há uma conspiração de entidades internacionais contra o futebol brasileiro ou, ainda, o que é pior, de associar, de forma barulhenta e com olhos marejados, a honra e o orgulho nacional a partidas de futebol.

Acalma ligeiramente a alma, do mesmo modo, pensar que é em razão da completa falta de referências sobre outros povos e da consequente incapacidade de escapar aos estereótipos mais rasteiros sobre o "outro" que um jornalista é levado a escrever "peças poéticas" sobre o confronto de seleções, lançando mão de lugares comuns como: "alemães trabalhadores e metódicos" contra " brasileiros criativos e improvisadores". Certamente, autor, que queria somente cantar as enormes dádivas dadas pela natureza a este belo povo dos trópicos, desconhece por completo que, ao exaltar tal lugar-comum, está exaltando uns outros tantos historicamente a ele conectados: a incapacidade do brasileiro para o trabalho sistemático, a crença de que o esforço é para os não escolhidos por Deus (os outros conquistam com trabalho, nós recebemos espontaneamente da natureza), a crença de que somos um povo dos "afetos", avesso à racionalidade, e por aí vai.

Dá um certo conforto íntimo, também, saber que é por singeleza de espírito que muitos jornalistas fazem um esforço enorme para insistentemente criar defensores e salvadores da mãe pátria ofendida, heróis nacionais de chuteira, com pouco mais de duas décadas de vida, que têm a triste e dura missão de levar nas costas e dar solução para todas as contradições e frustrações de uma sociedade que espera ser virtuosa ao menos no futebol, esporte que há décadas ela é levada a acreditar piamente que sintetiza o caráter, o bom caráter, nacional.

Enfim, não soluciona mas consola saber que parte considerável do nacionalismo pueril e socialmente danoso que vem sendo sistematicamente alimentado por parcelas da mídia televisiva nestes tempos de confronto de seleções não é, digamos, inteiramente ideológico, como pensam os amantes das teorias conspiratórias que povoam este conturbado país, parte dele --uma parte significativa-- é de certo modo genuíno: vem de gente mal preparada que, com as melhores intenções, julgam se dirigir a outros igualmente limitados.

JEAN MARCEL CARVALHO FRANÇA, 48, é professor livre-docente de história do Brasil na Universidade Estadual Paulista (Unesp) e autor, entre outros, de "Viajantes Estrangeiros no Rio de Janeiro Joanino". **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

A lógica do poder e a sociedade (ODED GRAJEW)

A MAIORIA dos políticos (felizmente, não todos) trabalha na lógica do poder, e não na lógica do bem-estar da população. É o que está ocorrendo no Brasil e em muitos países, provocando uma enorme crise de legitimidade da representação dos partidos políticos. O que importa é conquistar e manter o poder, que passa a ser o norteador da maioria das decisões e das ações.

O dinheiro das campanhas pode ser por dentro ou por fora (caixa 2). Não importa de onde e como vier. Os doadores são retribuídos com contratos e favores à custa do dinheiro público. Para ganhar tempo na televisão, firmam-se alianças espúrias sem questionar a afinidade ideológica ou a ética do parceiro. A conta vem na forma de benefícios aos partidos (cargos, recursos públicos etc.), feitos a despeito do interesse público.

Na lógica do poder, o objetivo dos partidos é combater e enfraquecer as legendas rivais. A análise das propostas e das políticas não passa pelo crivo do interesse público, mas por avaliar se aquela medida favorece ou prejudica o partido. Oposição e situação consideram péssimo tudo o que o adversário faz e propõe. Raramente se coloca como fator de avaliação e de decisão o interesse da população. Por exemplo, às vésperas de eleições, é comum esconder a gravidade de determinados problemas e deixar de tomar medidas preventivas, como ocorre com a crise da água em São Paulo.

As organizações da sociedade civil não conseguem mudar essa lógica, mas podem condicionar a conquista e a manutenção do poder ao comportamento ético e ao atendimento das demandas da população. Precisam acompanhar o trabalho dos gestores públicos e dos legisladores, o cumprimento das promessas eleitorais e os resultados das gestões, mobilizando a população e informando os eleitores.

Para isso, precisam ganhar credibilidade e legitimidade. Em primeiro lugar, colocar demandas que atendam ao interesse público, e não defender causas corporativas que possam ser danosas para a população. Em segundo lugar, evitar cair na lógica do poder, desvirtuando os objetivos que deram origem à organização social. O risco é começar a tomar

decisões que visam em primeiro lugar fortalecer o poder da própria entidade, e não o alcance de sua missão. Em terceiro lugar, ter uma gestão, práticas e ações coerentes com os princípios e valores que propaga. "Temos que ser o mundo que queremos", como dizia Gandhi. Em quarto lugar, acompanhar a atuação dos governos e dos legisladores e avaliar se cumpriram suas promessas eleitorais, se estão tratando com ética os recursos públicos e se estão de fato melhorando a qualidade dos serviços públicos e, consequentemente, a qualidade de vida da população. E, por último, ter uma atuação totalmente apartidária, pois, ao se vincular a um partido político, a organização perde sua autonomia, sua independência e sua legitimidade diante da sociedade e passa a atuar na mesma lógica de poder desses mesmos partidos.

As cidades e os países mudam e se transformam pela qualidade das políticas e serviços públicos. Pela sua escala, pela abrangência, são as políticas públicas de educação, saúde, habitação, mobilidade, tributos, economia etc. que provocam impactos no Brasil e em qualquer país do mundo. Cabe à sociedade trabalhar para que a conquista e a permanência no poder dos partidos políticos seja condicionada ao cumprimento das promessas eleitorais e das metas da gestão, à ética e à melhora dos indicadores sociais, econômicos e ambientais.

ODED GRAJEW, 70, é coordenador-geral da Rede Nossa São Paulo, presidente emérito do Instituto Ethos e idealizador do Fórum Social Mundial. Foi presidente da Fundação Abrinq e assessor especial do presidente da República (governo Lula). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

Perdemos "acintosamente"? (PASQUALE CIPRO NETO)

SIM, o jogo já foi, a estrepitosa goleada ainda arde, a incredulidade continua estampada na face de muita gente. No rádio e na TV, em artigos publicados em jornais e sites, em comentários nas "redes sociais" (quanta bobagem, meu Deus!) etc., ainda se tenta explicar a histórica hecatombe.

Em muitos desses pronunciamentos, li as palavras "acintoso" e "acintosamente", às vezes mal grafadas (com "ss" ou "sc"). Cito um exemplo: "O interessante é que ninguém do ramo esportivo disse que o Brasil iria perder acintosamente se jogar da forma que jogou". Além da equivocada correlação verbal ("iria perder" não combina com "se jogar"), o trecho contém a forma "assintosamente", que, além de mal grafada, constitui caso de impropriedade vocabular. E o que é "impropriedade vocabular"? Vejamos isso com um exemplo concreto: "Seu projeto político vem de encontro aos meus interesses, por isso vou votar nele". Só faltou a assinatura da mensagem: "Masoquista".

Só quem gosta de sofrer é capaz de votar em alguém que apresente projeto que vá "de encontro" aos seus interesses. "De encontro a" indica oposição, desacordo, colisão, por isso o seu uso é impróprio nesse caso. A expressão apropriada é "ao encontro de" ("Seu projeto político vem ao encontro dos meus interesses, por isso vou votar nele"). "De encontro a" caberia se houvesse um "não" junto à locução verbal "vou votar" ("Seu projeto político vem de encontro aos meus interesses, por isso não vou votar nele"). O uso de "onde" como verdadeiro cola-tudo é algo que talvez vá além da impropriedade vocabular e chegue ao plano da morfossintaxe, como se vê em "A derrota para a Alemanha deixou frustrados e irados muitos torcedores, onde ocorreram vários atos de vandalismo". O emissor queria dizer que a derrota deixou frustrados e irados muitos torcedores e que isso (a frustação e a ira) foi a causa de vários atos de vandalismo.

Como esse emissor relacionou os fatos? Com a palavra "onde", impropriamente empregada com o sentido de "razão pela qual" ("...deixou frustrados e irados muitos torcedores, razão pela qual ocorreram..."). Outro conhecido exemplo de impropriedade vocabular consiste em empregar a palavra "pródigo" com o falso sentido de "bom", "arrependido". O "filho pródigo" não volta para casa porque é bom ou porque se arrepende. O "filho pródigo" volta justamente porque é "pródigo", ou seja, "esbanjador", "gastador". Como fica sem um tostão, o jeito é voltar para casa (para a casa dos pais, no caso).

Voltemos ao título desta coluna. Será que a derrota foi "acintosa", que perdemos "acintosamente"? Sobre "acintoso" o "Houaiss" diz isto: "1. em que há ou envolve acinte; 2. mal-intencionado; malévolo; 3. que causa aborrecimentos; apoquentador, teimoso, pertinaz". O "Aulete" define "acinte" como "ação, gesto, fala, texto etc. intencionalmente feitos com o objetivo de ofender, provocar ou contrariar alguém, PROVOCAÇÃO". O dicionário "Priberam" (português) diz que "acinte" é "modo de fazer propositadamente o que pode ser molesto ou desagradável a outrem".

Parece que com "derrota acintosa" ou "perdeu acintosamente" as pessoas não queriam dizer que o Brasil perdeu intencionalmente. Creio que queriam dizer que a derrota foi escancarada, sem dar margem a nenhuma contestação ou sabe-se lá o quê. Bem, se não foi acintosa, a derrota foi dura, inquestionável, e deveria servir de lição. Servirá? Lembro o texto de 12/6 ("Coração do Mundo"), no qual comentei a nossa incapacidade de lidar com a derrota e/ou de admitir a sua possibilidade. Vale a pena reler o trecho de Drummond que citei naquela coluna. Também vale a pena refletir sobre a frase estampada no ônibus da seleção. Quem ganha na véspera quase nunca vence no verdadeiro dia do embate. É isso.

PASQUALE CIPRO NETO é Professor de português desde 1975 e também colunista semanal desta publicação. É o idealizador e apresentador do programa *Nossa Língua Portuguesa*, transmitido pela Rádio Cultura (São Paulo) AM e pela TV Cultura, e do programa *Letra e Música*, transmitido pela Rádio Cultura AM. E-mail: inculta@uol.com.br. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Abril de 2014.**

Mito e ressentimento brasileiro (MÁRCIA TIBURI)

O PODER do mito é o da explicação relativa ao desconhecido. O mito pode ser a narrativa tradicional de um povo – seja este povo nativo da Índia, da Grécia, ou das Américas – a traduzir sua verdade ancestral, mas também pode ser a fabricação da "verdade", da "essência" e da "natureza", de modo a sustentar interesses ideológicos. Há, portanto, uma diferença entre o mito como narrativa da origem e o mito como construção social ilusória. Neste caso, o mito mostra alguma coisa para esconder outra.

É neste último sentido que vou usá-lo aqui para falar do "mito nacional" do Brasil. Como a imagem de um país é construída é questão que envolve aspectos internos e externos a este país. Por meio dessa imagem podemos dizer que a Itália é isso, a Irlanda é aquilo, o Japão é isso, Angola é aquilo. Raramente paramos para pensar que há algum interesse por trás de definições tais como essas: o interesse em "enquadrar", em transformar o desconhecido em algo conhecido por identificação. Não é exagero pensar que por trás do ato de definir está a tentativa de dominar o que é estranho e assim, transformando-o em algo familiar, eliminar sua estranheza. Se lembrarmos do gesto de Colombo chegando às Américas e definindo as pessoas que encontrou como "índios" porque acreditava ter chegado às Índias, temos um bom exemplo do perigo de "identificar" e, na sequência, de definir o estranho que é sempre um "outro" como se este outro coubesse dentro de uma categoria conhecida e própria. Continuamos olhando com os olhos de Colombo, quando identificamos o desconhecido com o conhecido, o complexo com o simples, o outro com o mesmo.

Por isso, diante das explicações por identificação que configuram o mito do brasileiro, somos obrigado a nos perguntar "o que é ser brasileiro?" levando em conta que esta pergunta é altamente problemática considerando que vivemos na era da singularidade. Precisamos nos perguntar se há sentido em definir um "brasileiro" em particular, ou o "povo brasileiro" em geral. Além disso, não seria o que chamamos de povo brasileiro aquele que, sendo efeito de um entrelaçamento de processos históricos, sociais e políticos diversos, um dos povos mais difíceis de se definir no mundo atual? O povo brasileiro é tão heterogêneo culturalmente falando que não se presta à identificação. Além disso, tentar definir os brasileiros como uma unidade – a "brasilidade" – não seria continuar incorrendo no ato de produzir o seu "mito" como explicação forçada em relação ao que não se encaixa na explicação? Ora, juridicamente é brasileiro aquele que nasceu no Brasil ou naturalizou-se brasileiro por viver aqui incorporando seus aspectos culturais. O que seja a cultura brasileira é, contudo, algo complicado, porque o Brasil não é uma país uniforme no sentido de suas expressões, artísticas, urbanas, rurais, musicais, nem mesmo de seu clima e geografia variadíssimos, nem mesmo dos hábitos cotidianos de suas populações. Se procuramos o Brasil "natural", encontramos o Brasil "cultural", mas se encontramos o Brasil "cultural", ele também não é nada simples.

É verdade que nossa história política que envolve a colonização, a escravidão e uma grande ditadura da qual nos livramos há menos de 30 anos, além de uma democracia em estado embrionário, nos garante um ressentimento comum. A língua portuguesa (imposta a vários grupos de imigrantes há menos de cem anos no período da ditadura Vargas) nos une da mesma maneira ressentida em um país que produz analfabetos por descaso e abandono estatal. A língua da colonização que somos convidados a amar, não contempla as línguas dos imigrantes, ou dos povos nativos, ou dos povos africanos que aqui chegaram não como imigrantes, mas na posição de escravos. Hoje em dia outro fator menos sublime parece dar certa homogeneidade ao Brasil atual. Trata-se da Indústria Cultural, sob a qual a cultura brasileira, popular ou não, morre à pauladas. A Indústria Cultural encontrou nessas terras, o seu solo fértil, no qual falar nela é praticamente proibido.

O Brasil dos outros

Um brasileiro que viaje a outro país não se surpreenderá que estrangeiros vejam no Brasil a imagem do carnaval, do samba, de belas mulheres prontas a algum tipo de sexo sempre fácil. O senso comum estrangeiro não surpreende mais ninguém. A imagem que se faz do Brasil fora do Brasil inclui a Amazônia, o Rio de Janeiro e o samba. Ora o Brasil é associado à selva e seus perigos, ora ao paraíso por seu litoral e demais riquezas naturais e turísticas. A imagem do Brasil fora do Brasil é a do futebol, do povo hospitaleiro e pacífico, da gente simples, da malandragem, e necessariamente, da pobreza auto-contente. Um país onde colonos e escravos não entram em guerra. Um país onde as pessoas são as mais felizes do mundo como fica claro em certas pesquisas sobre um estranho ideal de felicidade. Neste país, acredita-se que as pessoas estão "numa boa", não reclamam porque, em que pese uma política corrupta e péssimas condições sociais sempre aproveitadas por certa indústria cultural da violência, as pessoas não teriam temperamento para reivindicar mudanças ou para, com as próprias mãos, agirem em uma direção diferente.

Brasil Recalcado

No imaginário de não-brasileiros e de brasileiros, o Brasil é transformado há muito naquilo que ele não é. O Brasil recalcado não é lembrado em qualquer imagem que se constrói sobre o Brasil. Quem vê o país da floresta, esquece o da seca e do crescente desmatamento que transforma floresta em deserto. Quem vê as praias, esquece as vastas terras tomadas pela colonização entre estados. Não vê o país que há muito apagou da cena a imagem de seus indígenas dizimados e até hoje ainda assassinados em conflitos com proprietários de grandes latifúndios em nome do agronegócio. O país que esconde também o assassinato de mulheres, de homossexuais, travestis e pobres, que esconde o tráfico e o narcotráfico, que esconde políticos corruptos financiados por empresas inidôneas. Um país que oculta a ignorância geral fomentada a

cada dia pela ausência de um projeto de educação real para o povo. O Brasil nada carnavalesco e muito violento é ocultado. Os brasileiros que vivem no Brasil aceitam em grande medida a visão do outro sobre ele mesmo, seja o estrangeiro, seja o intelectual culto, sejam os meios de comunicação que alimentam o imaginário social. E, como as condições – educacionais e culturais – para colocar em cena outras visões do Brasil, não estão dadas, mesmo que por inércia, todos ajudam a alimentar a visão de um Brasil estereotipado. Para mudar essa visão seria necessário analisar o recalcado na própria cultura, o que implicaria rever o cenário simbólico, mas também a impressionante desigualdade social de nosso país acobertada por um aspecto fundamental do mito brasileiro que é o seu desenvolvimento rápido nos últimos anos.

Terra de ninguém simbólica

O Brasil é lugar que aceita todo tipo de explicação. Feito "terra de ninguém" em termos concretos – mesmo que aqui vivessem povos nativos cujos descendentes, embora poucos, ainda vivem -, tornou-se terra de ninguém em nível simbólico. Qualquer um fala o que quer do Brasil. E o que todo mundo diz, salvo alguma exceção crítica, corresponde ao mito como conjunto de estereótipos. Ora, um Brasil estereotipado é bem mais fácil de vender do que um Brasil complexo. Se a sociedade do espetáculo vive da produção de estereótipos, o Brasil é uma mercadoria relativamente fácil. Basta mitifica-lo para acobertar suas contradições que ele vende muito bem.

No conjunto dos estereótipos, pesa o estereótipo do Brasil "natural". A indústria cultural do turismo aliou-se ao mito do país do sexo como algo também natural. A ideia de um país da prostituição não deve aparecer mesmo quando sabemos que muitos estrangeiros vem ao Brasil para exercer o turismo sexual, o que é combatido internamente por certas pessoas e instituições. A prostituição infantil que serve a estrangeiros é ocultada por que prejudica a própria imagem vendável do Brasil. O acordo hipócrita está sempre previamente assinado pelo silêncio que garante o andamento de tudo como está na manutenção do mito nacional geral.

O Brasil ocultado

Podemos hoje dizer que aspectos inusitados em nossa cultura vem à tona perturbando compreensões prévias tais como a ideia do brasileiro "cordial" que desde 1936 com o livro Raízes do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda, teve alto impacto tanto na interpretação científica quanto no senso comum em geral. Esse clichê, tomado como verdade, não foi questionado por ninguém. Senão pelo sociólogo Jessé Souza que em seu livro "A Ralé Brasileira – quem é e como vive" que aborda criticamente a construção do mito da brasilidade por parte de sociólogos canônicos nos estudos brasileiros (Sérgio Buarque de Hollanda, Darcy Ribeiro, Roberto DaMatta, entre outros).

Criticando as teses de todos eles, Jessé Souza propõe que se analise os brasileiros não mais em termos de interpretações acerca do caráter dos povos colonizadores ou do patrimonialismo elitista, mas que se verifique como na sociedade brasileira as relações de produção capitalista produziram todo tipo de desigualdade no nível aterrador que conhecemos hoje. O livro de Jessé Souza fala de uma imensa maioria de brasileiros, mais de um terço da população, que vivem marginalizados, nas favelas, destituídos de qualquer capital, seja ele o mais básico capital educacional ou social que garantiria a chance de pessoas conseguirem os mais básicos empregos provendo necessidades básicas como alimentação e moradia.

O Brasil acordado

Pesquisas recentes sobre o "zeitgeist" contemporâneo dizem que os brasileiros são os cidadãos mais "felizes" do mundo. Os brasileiros pesquisados falam de si sem pensar no que falam, porque não foram formados para pensar nisso. Pode, nesta base, soar simplesmente curioso que o contrário tenha surgido diante de tantas manifestações por mudanças político-sociais exigidas no contexto de uma insatisfação geral demonstrada publicamente como vimos nas ruas de muitas cidades tomadas por milhões de pessoas desde 2013.

Hoje, em 2014, as pessoas continuam lutando na medida do possível diante de uma polícia violenta usada como único braço do governo para tentar manter as aparências e o povo calado já que a Copa do Mundo se aproxima. O povo continua sem saúde, sem educação, sem o mínimo de direitos constitucionalmente assegurados reivindicando escolas "padrão FIFA", saúde "padrão FIFA". Os moradores de periferias sofrem envergonhados pelo local que ocupam como moradores subalternos sem chance de mudar suas vidas. O mito do futebol, parte importante do mito nacional, está caindo por terra. Se é verdade que brasileiros são apaixonados por futebol, é bem verdade também que brasileiros revoltam-se diariamente contra a FIFA e a Copa do Mundo. O número de pessoas despreocupadas com as manifestações contra a Copa é amplo, mas não podemos dizer que o mesmo povo que ama futebol esteja contente com o governo e o acordo feito com a FIFA. Acordo que, para muitos, implica vender o Brasil.

Ao mesmo tempo, certa classes sociais baixas e até médias tem uma alta carga horária de trabalho e de estudo. No Brasil há uma imensa população de trabalhadores que estuda em universidades de segunda categoria esperando que, pelos próprios esforços desmedidos, possam superar suas condições sociais e econômicas em meio a toda sorte de adversidades e precariedade social. As manifestações do últimos tempos mostram que a cordialidade, a acomodação, o desinteresse político já não retratam a vida das pessoas que vivem no Brasil, se é que um dia expuseram alguma verdade.

Brasil para brasileiros

Talvez seja muito irônico dizer que os brasileiros não veem a si mesmos, pois veem televisão, e com ela confundem a realidade. Mas é fato que em junho de 2013, a população brasileira saiu às ruas em nome de uma causa aparentemente muito simples: protestar contra o aumento de 20 centavos nas passagens de ônibus. O susto de muitos com a novidade brasileira – o "despertar do gigante" como alguns chamaram – se deve à alteridade que surge sem caber no parâmetro da identidade sempre afeita a "essências" e "naturezas". Certo é que a partir disso uma mudança de auto-compreensão coletiva está em cena no Brasil atual. A impressão generalizada, do senso comum à investigação em ciências humanas, era de que as pessoas estavam felizes com o governo e com o estado social. Verdade que os brasileiros despertaram para a questão política que estava esquecida ou até mesmo recalcada, mas isso não deve ser traduzido apenas em nível de "consciência revolucionária" adquirida. No Brasil atual não devemos acobertar o fato um crescimento de tendências fascistas, de ódio ao outro, a negros, índios, homossexuais. Esse ódio não é novidade, mas que ele esteja em alta é algo que só se poderá enfrentar com a lucidez que se preocupa em desmanchar os mitos.

MÁRCIA TIBURI. Artigo originalmente publicado na Revista belga MO* http://www.mo.be/magazine-editie/brazili-tussen-mythe-en-wroeging). **Julho de 2014.**

O voto nulo é um ato político válido? NÃO

Voto nulo: como, quando, para quê? (BOLÍVAR LAMOUNIER)

ENTENDAMO-NOS, primeiro, quanto aos conceitos, uma vez que a pergunta comporta pelo menos duas interpretações bem distintas. No sentido legal e moral, a resposta só pode ser positiva; o voto nulo é tão válido como qualquer outro. O cidadão vota como quer; este é um princípio "sine qua non" da democracia. No regime democrático, por definição, inexistem instâncias com legitimidade para forçá-lo a escolher desta ou daquela forma.

A questão que ora nos ocupa é portanto de ordem prática: qual é, em comparação com outras estratégias de protesto, a eficácia do voto nulo? Em que medida e sob que circunstâncias ele produz realmente o efeito desejado? É claro que em situações falsamente democráticas ou marcadamente ditatoriais o voto de protesto pode valer mais que a escolha substantiva. No caso brasileiro, o melhor momento para examinarmos os prós e contras do voto nulo são as eleições legislativas de 1970, colhidas em cheio pela chegada dos "anos de chumbo". Naquelas condições, não surpreende que o voto nulo (a soma dos votos em branco e nulos, melhor dizendo) atingisse um índice inusitadamente alto.

Que lição podemos tirar desses números? É preciso admitir que, naquele ano, o voto de protesto produziu um efeito perceptível; sem ela, o MDB teria feito bancadas um pouco maiores, mas ainda pequenas e submetidas de qualquer forma à espada de Dâmocles do AI-5. Há, no entanto, um argumento ponderável no sentido oposto. O "recado" do protesto foi dado, mas seu efeito político foi duvidoso, para dizer o mínimo. Em poucas semanas, ninguém mais se lembrava dele. Alguns deputados a mais em Brasília poderiam ter tido uma vida útil mais longa como oposicionistas. Que dizer da situação atual? Qual pode ser, nas eleições deste ano, a serventia do voto nulo? Afastemos, desde logo, a suposição de que um alto percentual de votos nulos acarreta a nulidade da própria eleição. Trata-se de uma crença totalmente desprovida de fundamento; a Constituição vigente nada estipula nesse sentido.

A questão a considerar é, pois, o objetivo dos proponentes do voto nulo. Protestar contra o quê, exatamente? Uma razão amiúde invocada para o protesto é o desgaste das instituições, nos três ramos do governo. O desgaste de fato existe e se deve a uma infinidade de razões. O Congresso atual alterna momentos de omissão, de anarquia e de subserviência ao Executivo, desservindo o interesse público nos três casos. Episódios de corrupção multiplicam-se nos três Poderes, numa sucessão interminável. É um estado de coisas lastimável, mas a contribuição do voto nulo à correção dele é rigorosamente zero. Neste caso, nada há na anulação que se possa chamar de público --ou seja, de político, no melhor sentido da palavra. Nas condições do momento, ele apenas exprime um mal-estar subjetivo, difuso, de caráter individual. Qualquer que seja seu peso nos números finais da eleição, ele será apenas uma soma desses mal-estares e da apatia que deles decorre.

Um protesto contra as políticas do governo atual? Realmente, na política econômica, há equívocos de toda ordem; na educação, é até difícil dizer se há alguma política; na área externa, uma descabida simpatia por ditaduras de vários matizes; sem esquecer a incompetência e os abundantes desmandos que se têm verificado em certas empresas públicas, a começar pela Petrobras. Dá-se, no entanto, que tais políticas derivam fielmente da coalizão partidária no poder; motivos para combatê-las não faltam, mas o voto nulo não as combate. Bem ao contrário, ele contribui para a permanência delas, ao facilitar a pretendida reeleição de Dilma Rousseff.

BOLÍVAR LAMOUNIER, 71, é cientista político, sócio-diretor da Augurium Consultoria e autor de "Intelectuais e ideologias no século 20". **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

O voto nulo é um ato político válido? SIM

Protestar pelo voto nulo (HUGO POSSOLO)

NÃO concordo com o sistema de representação política do Brasil. Que faço? Visto uma camisa encobrindo a cara e quebro alguma loja? Ou pago uma grana para ir a um estádio para xingar a presidente? Minha alternativa de protesto é o voto nulo. Não garanto que seja um gesto mais civilizado que as opções anteriores, mas certamente combina com minha preguiça de partir para violência física e com meu apego cômico de não desperdiçar palavrões.

Na hora de divulgar os resultados, reais ou de pesquisas, a imprensa costuma somar os votos nulos e brancos. O significado dos dois é diferente. O voto nulo é, em princípio, um protesto, inclusive contra o próprio processo eleitoral. Já o voto branco diz que o eleitor concorda com a decisão da maioria. Que pesquisa é essa que soma resultados? Contribui com o jornalismo misturar posições de eleitores tão divergentes? Sem fazer campanha, sem espaço no horário político obrigatório, sem ninguém que personifique essa opção, na última eleição para presidente, no primeiro turno, os votos nulos chegaram a 5,51%. Um número expressivo, que ultrapassava os candidatos menores, que somados não chegaram a 2%.

Esse significado raramente é analisado. Também pouco se fala da abstenção em si, dos que não foram às urnas na última eleição presidencial que, no segundo turno, foram mais de 20%. Claro, engolimos a obrigatoriedade do voto, outra deformação inexplicável. Essa obrigatoriedade afasta o cidadão da participação política e somente amplia seu descompromisso com o ato de votar. Muitas pessoas votam por votar e, depois, nem lembram suas escolhas. Até uma campanha pelo voto nulo faria mais sentido sem a obrigatoriedade. Somente iria até a votação aquele que quisesse votar nulo como protesto.

A urna eletrônica possui uma tecla de voto branco, mas não traz uma opção clara para a anulação. Confusão conveniente para o sistema político, pois dificulta que o contestem. Sem contar que a engenhoca não deixa nem sequer vir à tona o prazer de escrever um recado político, muito menos dá direito à molecagem de um palavrão. Pior, o que era brincadeira como votar em macaco, rinoceronte ou palhaço da vez, passou a ser usada de maneira cabotina. Foi o aconteceu com o Tiririca que --para além dos que nele votaram por sua popularidade-- atraiu os votos daqueles que o escolheram para fazer piada ou pra protestar de alguma maneira, funcionando como simulacro de um voto nulo. Na verdade, sua validade iludia e elegeu junto uma grande quantidade de obscuros candidatos.

Votar nulo não se trata de atacar o governo ou a oposição, mas o sistema político inteiro, dizendo não à promiscuidade partidária que confunde o eleitor com essa miscelânea de acordos nacionais e regionais que querem reduzir a cidadania a uma negociata por horários na TV. Quem defende o voto nulo não tem espaço no horário nobre para se manifestar. Isso é democracia? Basta dar um Google para ver que a Constituição de 88 está remendada e, não é preciso ser muito esperto para saber que os políticos jamais farão uma reforma política que altere as regras de um jogo no qual somente eles estão se dando bem.

Qual a maneira de contestar? Votar nulo! Sempre que defendo o voto nulo, ouço aquela ladainha do fantasma da ditadura que pode voltar e a fatal pergunta do que teria a ganhar anulando meu voto. Bem sei que não quero nenhuma ditadura, mas também sei que essa democracia que aí está não me representa. E quanto a não ganhar nada votando nulo... Concordo, é isso mesmo. Nenhum marqueteiro trabalharia em campanha onde não se ganha nada.

HUGO POSSOLO, 51, é palhaço, dramaturgo e diretor do grupo Parlapatões. É autor dos livros "Palhaço-Bomba" e "Excêntrico". **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**

Efeitos benéficos da maconha (DRAUZIO VARELLA)

NÃO são poucos os benefícios potenciais da maconha. Na última coluna falamos sobre os efeitos adversos, apresentados numa revisão recém-publicada no "The New England Journal of Medicine". Explicamos que os estudos nessa área padecem de problemas metodológicos. Geralmente envolvem usuários que consomem quantidades maiores, por muitos anos, acondicionadas em baseados com concentrações variáveis de tetrahidrocanabinol (THC), o componente ativo.

Como consequência, ficam sem respostas claras as consequências indesejáveis no caso dos usuários ocasionais, a grande massa de consumidores. Em compensação, o uso medicinal do THC e dos demais canabinoides dele derivados está fartamente documentado. A descoberta de que os canabinoides se ligavam aos receptores CB existentes na membrana celular dos neurônios aconteceu em 1988. Dois anos mais tarde, esses receptores foram clonados e mapeadas suas localizações no cérebro. Em 1992, foi identificada a anandamida, substância existente no sistema nervoso central, relacionada com os receptores, mas distinta deles.

A partir de então, diversos trabalhos revelaram que os canabinoides naturais ou sintéticos desempenham papel importante na modulação da dor, controle dos movimentos, formação e arquivamento de memórias e até na resposta imunológica. Pesquisas com animais de laboratório demonstraram que o cérebro desenvolve tolerância aos canabinoides e que eles podem causar dependência, embora esse potencial seja menor do que o da heroína, nicotina, cocaína, álcool e de benzodiazepínicos, como o diazepan. Hoje sabemos que o uso de maconha tem ação benéfica nos seguintes casos:

1) Glaucoma: doença causada pelo aumento da pressão intraocular, pode ser combatida com os efeitos transitórios do THC na redução da pressão interna do olho. Existem, no entanto, medicamentos bem mais eficazes.

2) Náuseas: o tratamento das náuseas provocadas pela quimioterapia do câncer foi uma das primeiras aplicações clínicas do THC. Hoje, a oncologia dispõe de antieméticos mais potentes.

3) Anorexia e caquexia associada à Aids: a melhora do apetite e o ganho de peso em doentes com Aids avançada foram descritos há mais de 20 anos, antes mesmo de surgirem os antivirais modernos.

4) Dores crônicas: a maconha é usada há séculos com essa finalidade. Os canabinoides exercem o efeito antiálgico ao agir em receptores existentes no cérebro e em outros tecidos. O dronabinol, comercializado em diversos países para uso oral, reduz a sensibilidade à dor, com menos efeitos colaterais do que o THC fumado.

5) Inflamações: o THC e o canabidiol são dotados de efeito anti-inflamatório que os torna candidatos a tratar enfermidades como a artrite reumatoide e as doenças inflamatórias do trato gastrointestinal (retocolite ulcerativa, doença de Crohn, entre outras).

6) Esclerose múltipla: o THC combate as dores neuropáticas, a espasticidade e os distúrbios de sono causados pela doença. O Nabiximol, canabinoide comercializado com essa indicação na Inglaterra, Canadá e outros países com o nome de Sativex, não está disponível para os pacientes brasileiros.

7) Epilepsia: estudo recente mostrou que 11% dos pacientes ficaram livres das crises convulsivas com o uso de maconha com teores altos de canabidiol; em 42% o número de crises diminuiu 80%; e em 32% dos casos a redução variou de 25 a 60%. Canabinoides sintéticos de uso oral estão liberados em países europeus.

Com tal espectro de ações em patologias tão diversas, só gente muito despreparada pode ignorar o interesse medicinal da maconha. Qual a justificativa para impedir que comprimidos de THC e de seus derivados cheguem aos que poderiam se beneficiar deles? Está certo jogar pessoas doentes nas mãos dos traficantes?

No entanto, o argumento de que o uso de maconha deve ser liberado em virtude dos efeitos benéficos que acabamos de enumerar, é insustentável: a imensa maioria dos usuários não o faz com finalidade terapêutica, mas recreativa. Como diz o povo: uma coisa é uma coisa... Acho que a maconha deve ser legalizada, sim, mas por razões que discutiremos em nossa próxima coluna.

DAUZIO VARELLA é médico cancerologista. Por 20 anos dirigiu o serviço de Imunologia do Hospital do Câncer. Foi um dos pioneiros no tratamento da Aids no Brasil e do trabalho em presídios, ao qual se dedica ainda hoje. É autor do livro 'Estação Carandiru' (Companhia das Letras). Escreve aos sábados, a cada duas semanas. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Julho de 2014.**